Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca

BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

FORO DE LIBERDADE

"Este o grande papel reservado para a Organização dos Estados Americanos: o de foro de liberdade e não de arregimentação, onde as idéias cresçam e se multipliquem, e não onde se estiolem e sufoquem."

RECEBO as palavras de Vossa Excelência, Senhor Presidente, como expressão da homenagem que presta ao Brasil a comunidade das nações americanas, tão nobremente aqui representadas. Recebo-as como palavras de fortalecimento dos laços indissolúveis, forjados através da nossa História comum, e que definem a fisionomia moral da América.

A saudação de Vossa Excelência é também a do representante de um país irmão, a Costa Rica, exemplo de devoção ao ideal da unidade latino-americana e da solidariedade continental. Ao agradecê-la, tenho presentes o seu alto significado e a honra de havê-la merecido.

A visita a este Conselho era parte indeclinável do programa de minha viagem. Graças ao convite que Vossa Excelência se antecipou em fazer-me, em nome de seus pares, encontro-me, neste momento, com os plenipotenciários das nações americanas.

Esta Organização, a serviço dos altos ideais que presidiram sua criação, retoma seus passos sob a égide da atual Carta, que lhe imprime novo dinamismo, em consonância com os anseios e aspirações dos povos americanos. Nesta nova fase de seu destino, quer emprestar aos países do Hemisfério sua colaboração ao desenvolvimento econômico, dinâmico

e harmônico, reconhecido e proclamado como indispensável à paz e à segurança.

O Brasil, que, sem hesitar, trouxe o mais decidido apoio à tarefa de reformulação da Carta, está atento às peculiaridades do mundo contemporâneo e à extraordinária rapidez da História de nosso tempo. A obra de soerguimento nacional a que o meu país se vem dedicando, com tanto êxito, a partir de 1964, visa a permitir o aproveitamento integral de seus recursos, para que venha colocar-se, em curto prazo, na comunidade das nações, na posição indicada pelos seus recursos naturais e pelas exigências da nova sociedade industrial. Defrontamos, hoje, nosso destino, possuídos de sentimento da mais legítima confiança.

Senhor Presidente:

Persuadido da absoluta unidade de objetivos e ideais que inspiram nossos povos, reconheço que o desenvolvimento constitui responsabilidade primacial de cada um dos Estados do Continente, empenhados, como estamos, em mobilizar recursos humanos e materiais, para nos ajustar ao acelerado progresso da sociedade contemporânea. A Carta da nossa Organização prescreve essa mobilização de esforços, sem deixar de ressalvar a necessidade de resguardar-se a soberania e a entidade moral de cada um dos nossos Estados. Releva, entretanto, ter presente a conveniência da reformulação do nosso velho conceito de vizinhança.

Já não nos encontramos espiritualmente separados pelas distâncias físicas, nem pelo desconhecimento recíproco. Ao contrário, cada vez mais nos acercamos uns dos outros, passando a conhecer

fronteiras econômicas vivas e articuladas por moderna infra-estrutura de transportes e por sistema de comunicações cada vez mais ágil e universal.

Os imperativos da geografia reclamam, em quase todos os países, exata consideração dos problemas de desenvolvimento regional, da tecnologia que lhe é mais adequada, das exigências do meio e dos processos para cada caso. A colaboração da OEA, em estudos de alta complexidade ligados a esses temas, merece ser ressaltada, pela sua inteligência do papel histórico de preservação da fisionomia política, geográfica e cultural do Hemisfério.

A concepção de que o desenvolvimento repousa no esforço nacional, atento às peculiaridades regionais, está longe de significar que o caminho a percorrer deve ser solitário. Mais do que nunca se impõem, assim, a cooperação e a solidariedade interamericanas e a ação concertada da América Latina, dada a analogia dos seus problemas básicos. Diante da estreita correlação entre o desenvolvimento econômico e social e o comércio exterior, torna-se indispensável esforço conjunto, vigoroso e sempre renovado, para corrigir deformações e afastar empecilhos ao ritmo do nosso desenvolvimento.

A cooperação para o desenvolvimento econômico e social deve, entretanto, processar-se em clima de autêntica solidariedade política e perfeita harmonia com os planos nacionais, definidos e elaborados sob a responsabilidade exclusiva dos Estados, pois a cada um deles cabe forjar seu próprio destino.

Um dos objetivos capitais da política exterior de meu governo consiste no esforço para corrigir-se a defeituosa e injusta estrutura do comércio interna-

cional e lograr-se tratamento equânime a todos os países, a fim de transformá-lo em poderoso fator de desenvolvimento. Dando continuidade a esse esforço, usaremos todos os foros necessários para marcar a firmeza de nossas posições.

Senhor Presidente:

A Organização dos Estados Americanos, a mais antiga das entidades políticas internacionais, recolheu, no longo caminho percorrido, notórios títulos de que se pode orgulhar. Sua obra de estruturação jurídica marcou o Direito Internacional com princípios que definem substancial contribuição da América. O aspecto central da Organização, entretanto, foi sempre o de resguardar, sem prejuízo da soberania e da liberdade de ação dos povos do Hemisfério, os seus interesses comuns, tais como a defesa coletiva contra agressão externa, o primado da solução pacífica dos conflitos e das controvérsias sem prescrição de foro *ad-hoc*, a preservação das tradições e dos costumes das nações americanas.

A Organização sempre se esforçou em comprovar que as nações dela componentes se associam, se unem, se justapõem, sem prejuízo de sua identidade, preservando seus traços essenciais e a originalidade de sua formação. O sentido continental da Organização nunca permitiu, além disso, que seus integrantes se isolassem nos amplos espaços geográficos da América. Sempre nos mantivemos abertos às relações com todos os povos, sem esquecer que os países do nosso continente se formaram mediante esforço conjugado das mais diversas raças, vindas de todos os pontos da terra e com extraordinária contribuição da cultura e da civilização européias.

Não deve, pois, a OEA representar, para o Hemisfério, estágio a caminho do isolamento. Cumpre-lhe constituir foro, onde se harmonizem e se conjuguem os pontos de vista dos países americanos, para mais ampla e mais ativa participação na comunidade das nações. Cumpre-lhe, sobretudo, ser fonte de idéias e concepções novas, para solução dos problemas comuns.

A ação dos países latino-americanos não pode, contudo, circunscrever-se a este foro. Impõe-se, por vezes, transcendê-lo, no processamento e depuração de idéias universais, como ocorre, por exemplo, com o reconhecimento, que ora buscamos, no âmbito das Nações Unidas, da legitimidade do princípio da segurança coletiva no domínio econômico. Ao sustentar a íntima correlação entre os conceitos de segurança internacional, de desarmamento e desenvolvimento econômico, as nações latino-americanas assumiram, na vigésima quinta e na vigésima sexta Assembléias Gerais da ONU, posição definida e autônoma perante os grandes problemas de nosso tempo. Idéias que aqui se conceberam e aqui se desenvolveram são, assim, transportadas, com firmeza e imaginação, para o foro maior da comunidade das nações.

Essas novas posições, assumidas pela América Latina, revelam a vontade política de contribuírem nossos países para o encaminhamento da solução dos grandes problemas internacionais, não se resignando, assim, à situação de meros espectadores da História. Este o grande papel reservado para a Organização dos Estados Americanos: o de foro de liberdade e não de arregimentação, onde as idéias cresçam e se multipliquem, e não onde se estiolem e sufoquem.

Estimuladas pela construção de grandes vias de transporte, pela rápida industrialização e pelas novas

correntes de comércio, as relações entre os povos do Hemisfério tendem a aumentar dia a dia. O crescimento demográfico, os planos de colonização regional e os esforços de redistribuição populacional eliminam vazios geográficos, articulando, entre si, em proveito da unidade continental, centros de civilização, antes isolados uns dos outros. À OEA estará reservado, pois, grande papel no futuro da América, se ela, como espero, souber ajustar-se aos desafios que a inquietam.

Essa incursão pelos caminhos do futuro não nos dispensa de assinalar que: não obstante as vicissitudes de sua história, a Organização tem procurado ser fiel ao mandato e às aspirações de que é depositária. Nas horas mais graves da vida da América, seu foro esteve sempre aberto para o debate franco, sincero e vigoroso. Os povos aqui representados esperam que a OEA, tão vinculada a seus mais íntimos anseios, continue a conduzir-se com firmeza e decisão no trato dos grandes problemas continentais, examinando os temas de sua competência sem subterfúgios nem limitações.

Senhores Embaixadores e Representantes:

Peço-lhes transmitir aos seus governos e aos seus povos que o Brasil, nação irmã, se empenha, com firmeza e decisão, em somar cada vez mais esforços, para, unidos, construirmos, na coletividade americana, o solar de liberdade e justiça, compatível com a índole de nossos povos e com o desenvolvimento a que aspiramos para todo o Continente.

Muito obrigado.

(Discurso perante o Conselho Permanente da Organização dos Estados Americanos, em Washington, em 8 de dezembro de 1971).